

MENOS GENTE: um futuro sombrio para a Europa¹

STATE OF THE WORLD POPULATION. **People, poverty and possibilities.** New York: United Nations Publications, 2002. 88p. 0897146506

Stein Ringen

“A maioria dos países industrializados já se acomodou ao padrão de aumento gradativo da expectativa de vida e à sub-reposição contínua da população. Nestes países, a perspectiva iminente do declínio da população e o crescimento acelerado dos grupos de idosos são motivos de calorosas discussões. O debate estende-se muito além dos limites da demografia e já atingiu as relações de raça, políticas de assistência social e a situação das relações matrimoniais em famílias com duas rendas.”

Isto é praticamente tudo que o excelente relatório do Fundo de População das Nações Unidas, “O Estado da População Mundial 2002”, menciona em relação aos países industrializados. Porém este pequeno parágrafo encerra um grande drama. Estamos acostumados a pensar na “questão da população” em termos de pressão de população, tal como permanece particularmente na África. Porém, agora precisamos lidar simultaneamente com um outro problema bem diferente, o de um possível colapso da população, principalmente na Europa.

As populações européias não estão mais se reproduzindo. Em pelo menos quinze países os números da população começaram a declinar, e nos restantes o crescimento é zero ou praticamente zero. Já em 2050, prevê-se que a população européia, que hoje está em torno de 725 milhões, seja inferior a 600 milhões. Séculos de crescimento da

¹ Texto publicado originalmente sob o título “**Fewer people:** a stark European future”. In: Times Literary Supplement. Londres, 20/02/2003, p.9-11. Traduzido por Maria Lavinia Sobreira de Magalhães com revisão técnica de Guaraci A. de Souza.

população estão se convertendo em declínio. Estamos vivendo um divisor de águas histórico.

O restante do relatório enfoca pobreza, população e subdesenvolvimento. Não há e nunca houve no mundo uma crise de superpopulação. De 1960 a 2000 o tamanho da população mundial dobrou, passando de 3 para 6 bilhões. Agora está claro que não vai duplicar novamente. Em 2050 o número máximo de habitantes será de 9 a 10 milhões. Em algum momento da segunda metade do século, os números começarão a declinar. A explosão da população será um curto episódio de 100 anos na história da humanidade. Foi causada pela melhoria dos padrões de vida, especialmente no tocante à saúde, menor mortalidade infantil e maior expectativa de vida. Na maioria das regiões da Ásia e da América Latina, o crescimento da população já está moderado.

Entretanto, existe uma crise de população em algumas áreas. A África (entre o norte da Arábia e a África do Sul) segue o curso de uma nova duplicação da população. Os países mais subdesenvolvidos do mundo vão possivelmente triplicar a população em torno de 2050. O mais espantoso é que em alguns países que apresentam os índices mais altos de pobreza são ricos em terra e recursos e menos “superpovoados” do que a Europa. O problema deles não é de população, e sim de mau governo.

Até agora, a humanidade prosperou de forma magnífica, multiplicando-se em números. É bem mais rica hoje do que há cinquenta anos. Muitos países tornaram-se abastados e centenas de milhares de pessoas foram içadas da pobreza. O capitalismo global e a mobilidade da população estão transformando em realidade o sonho de um mundo único. A arte e música da África e da América Latina conquistaram o mundo, assim como o cinema iraniano, indiano e japonês. Os direitos humanos e a democracia tornaram-se padrões universais, um governo mundial está em formação. Entretanto, nem toda a humanidade está florescendo. A Europa está deixando escapar o progresso e a África está ficando para trás.

Durante grande parte do século vinte, o declínio de população rondou a Europa. Começou timidamente após a Primeira Guerra Mundial, mas foi sustado por um inesperado *baby-boom* pós-1945. Porém, o entusiasmo em relação aos filhos não durou muito tempo. Foram necessários apenas vinte anos para que as taxas de fecundidade

retornassem a um nível abaixo de reposição e o declínio até agora continua estabelecido.

A reposição de uma população em números estáveis, de uma geração para a outra, requer obviamente a produção de um número suficiente de filhos. Nos países desenvolvidos, com baixo índice de mortalidade infantil e alta expectativa de vida, a estabilidade da população a longo-prazo é atingida com uma taxa de fecundidade de aproximadamente 2,1 filhos por mulher. Atualmente, em toda a Europa somente a Albânia possui fecundidade ao nível de reposição. De resto, a Irlanda está no topo com taxa de fecundidade de 2,0, seguida da França com 1,8 e Noruega e Dinamarca com 1,7. Os países católicos do sul da Europa possuem taxas de fecundidade muito baixas, em torno de 1,2, o que também é a média dos países do leste Europeu. Alemanha e Suécia: 1,3; Grã-Bretanha e Finlândia: 1,6.

Calcula-se a taxa média de fecundidade da Europa em 1,34 filhos por mulher. Por motivos estatísticos técnicos talvez esta esteja subestimando o nível real de fecundidade, mas neste caso, dificilmente ultrapassa uma ou duas casas decimais. A fecundidade no presente está bem abaixo do nível de reposição. A título de ilustração, uma população sem emigração ou imigração e com taxa de fecundidade estável de 1,5, pode ser reduzida à metade em 100 anos, e com taxa de fecundidade de 1,2 a aproximadamente 25%. Neste exercício de reflexão e com as taxas correntes de fecundidade, os descendentes dos 82 milhões de pessoas que vivem atualmente na Alemanha ao final deste século podem não chegar a 40 milhões, e os descendentes dos atuais 57 milhões na Itália talvez sejam menos de 20 milhões.

Isto é possível? Por enquanto não podemos fazer previsões confiáveis para um futuro tão distante. Além disso, as tendências populacionais podem mudar rápida e inesperadamente. Parece pouco provável que os europeus fiquem de braços cruzados, presenciando o declínio de seus números. Graças aos levantamentos amostrais feitos, sabemos que, no mínimo, eles dizem que pretendem ter mais filhos do que na realidade têm hoje, e espera-se que encontrem meios de atingir o que pretendem.

Por outro lado, com exceção do *baby-boom* pós-1945, as taxas de fecundidade têm permanecido muito baixas há muito tempo, sendo improvável que subam ao nível de reposição. Para atingir este objetivo, a norma seria três filhos por família, o que parece improvável,

pois as convenções modernas da vida familiar baseiam-se na convicção e na necessidade econômica do trabalho e do ganho dos pais. Esta forma de vida em família não é facilmente compatível com mais de dois filhos. Para ultrapassar a norma de dois filhos, seriam necessárias mudanças no estilo de vida que não parecem estar na agenda das pessoas. Enquanto a maioria dos pais considerar dois filhos o número ideal, muitos invariavelmente ficarão aquém desta “meta” e a taxa média de fecundidade resultante tenderá a 1,5 ou menos, se a atual proporção de mulheres sem filhos continuar crescendo. (Entre as mulheres jovens na Grã-Bretanha, uma entre quatro ou cinco parecem decididas a não ter filhos).

Olhando para o futuro, podemos conceber cenários bem distintos: uma mudança radical de atitudes e estilos de vida em prol de famílias mais numerosas, juntamente com novas políticas sociais que estimulem e possibilitem aos pais criar três ou quatro filhos; ou a continuidade de taxas de fecundidade baixas, causando um grave declínio de população. Não se pode excluir a primeira possibilidade. Não existe ainda na Europa a clara consciência de que estamos no limiar de um colapso da população. Os números atuais da população estão começando a declinar muito lentamente. Uma vez que fique claro que a queda pode ser drástica, é possível haver mudança de postura, o que já aconteceu nas décadas de 20 e de 30, quando ficou consolidado o medo de um declínio da população. Deste temor surgiu, por exemplo, a política de bem-estar da Escandinávia e a política social pró-natalista da França.

Mas será que a mudança de atitude é o bastante? O *baby-boom* pós-1945 foi possível em função da mãe trabalhadora não ter se tornado a norma social. Aparentemente as mulheres estavam disponíveis para ter mais filhos. Será que atualmente poderíamos pensar em retomar o padrão de um só provedor da família? É bem pouco provável. Para as mulheres, equivaleria a renunciar a um século de emancipação. As economias domésticas ajustaram-se a dois salários, portanto, não seria possível abrir mão de um deles, mesmo se fosse esse o desejo.

Será que as posturas políticas vão mudar em benefício da adoção de políticas sociais mais vantajosas para a família? Possivelmente, mas com alguma dificuldade. Exceto na Escandinávia, a mudança necessária seria intransponível ou quase impossível. Os governos estão

perdendo o poder de aumentar novos impostos para gastos adicionais. As políticas para as famílias são investimentos incertos, pois os pais não podem ser tentados a ter mais filhos sem que lhes seja oferecida mudança de estilo de vida, o que sairia caro. Os países líderes em políticas sociais pró-família são os países escandinavos. Na Suécia, a taxa de fecundidade permanece baixa, não obstante todo o esforço político; na Noruega, é mais alta, provavelmente em decorrência do otimismo econômico de uma população rica em petróleo.

A melhor conjectura seria a de que as baixas taxas de fecundidade vieram para ficar por tempo considerável e que o Fundo de População está correto quando diz termos “sedimentado um padrão contínuo de sub-reposição da fecundidade”. Além disso, existe um motivo a mais para embasar esta previsão. É preciso muito tempo para que baixas taxas de fecundidade se traduzam em declínio dos números de população. Uma vez que isto aconteça – e é neste ponto que chegamos - um declínio prolongado e acelerado (pelo menos, durante um bom período) não pode ser contornado pela simples lógica demográfica. O declínio da população pode levar ao declínio econômico. As pessoas sentem que estão vivendo em um ambiente em declínio, o que provoca incerteza e ansiedade em relação ao futuro. No mundo em que vivemos, as pessoas apreensivas em relação ao futuro temem ter filhos. O declínio da população já começou e estas dinâmicas estão se revelando.

Podemos compensar as baixas taxas de fecundidade com o aumento da imigração? Agora entramos num campo minado que o Fundo de População sugere no parágrafo mencionado. A resposta é não. A imigração não é um substituto para os bebês. Entretanto, existe uma outra questão implícita em relação à desejabilidade da imigração e nossa resposta a esta pergunta é sim. A imigração é uma certeza; vai aumentar e devemos dar-lhe as boas vindas.

É imprudente e negligente achar que podemos solucionar o nosso problema populacional com a imigração. É muita prepotência achar que o resto do mundo está disponível para que a Europa satisfaça suas necessidades. Nos primórdios da era imperialista, os europeus achavam que a África era o continente para o qual podiam exportar seus excedentes de população, juntamente com a civilização. Atualmente, algumas pessoas sugerem que podemos solucionar nosso déficit populacional trazendo pessoas pobres para nossas terras, e aí

está embutido novamente o conceito de que estaríamos prestando um serviço às pessoas que usamos. Convém lembrar que as políticas embasadas na arrogância não são moralmente sustentáveis.

Também, é pouco provável que funcionem. A solução parece simples. Quando os imigrantes quiserem entrar, tudo que os europeus têm a fazer é abrir as fronteiras, porém existem algumas questões difíceis e desconfortáveis. Os europeus querem imigrantes? Não é essa a idéia que passam. Será que temos a capacidade de absorver um nível alto de imigração? O reduzido nível atual de imigração que temos – e a maioria de imigração interna europeia – já causa distúrbios sociais e realinhamento político para a Extrema Direita. Será que são muitos os migrantes que desejam vir para a Europa? Será que os que desejam vir são os que precisamos? Como conseguiremos atraí-los? Existem outros países que precisam da imigração: Estados Unidos, Canadá, Austrália, Japão e Coreia. Muitos países de onde as pessoas emigram estão crescendo economicamente e muitos deles podem brevemente absorver sua própria força de trabalho. E a emigração da Europa? Se o declínio de população for acompanhado do declínio econômico, será que a Europa não vai se tornar uma região de emigração e não de imigração?

A demografia criteriosa não vê na imigração a compensação para taxas baixas de fecundidade. Com certeza este também não é o ponto de vista do Fundo de População. Sua previsão de queda da população europeia em torno de 125 milhões, em meados do século, inclui a imigração. Se a tendência persistir e perdermos mais 125 milhões na segunda metade do século, a Europa ficará reduzida a 475 milhões. Se o declínio da população for comprovado e acelerado, existe a possibilidade real da população europeia ser reduzida à metade em 100 anos, apesar da imigração. Estes são números consideráveis. Cem anos são um período curto. Seria o colapso da população.

A mudança na população é a força mais vigorosa do desenvolvimento social. Seria ingênuo achar que os padrões e estilos de vida permaneceriam inalterados quando a base da sociedade está passando por um estreitamento. Algumas destas conseqüências são inevitáveis e estão contidas nas tendências atuais, e podemos prevêê-las sem hesitação. Outras dependem da possibilidade de contermos, com o tempo, a tendência decrescente de população. Quanto às conseqüências pos-

teriores, só nos resta a especulação, mas esta deve incluir a possibilidade de a Europa enveredar pelo declínio cultural e econômico.

A Europa almeja a união para tornar-se uma grande força mundial, porém o poder de uma população em declínio é um poder enfraquecido. Uma Europa mais fraca seria bom ou ruim? É ruim, se nossa preocupação diz respeito à Europa e seu futuro no mundo. Porém, se pensarmos, e daí, o mundo não está com menos gente, nós os europeus estaríamos afirmando que a Europa realmente não importa. Qual o futuro de uma Europa unida cuja população não consegue visualizar mentalmente uma idéia de Europa?

Atualmente na Europa, a Alemanha é o país mais populoso (82 milhões) seguido da Grã Bretanha, França e Itália, cada um deles com menos de 60 milhões. Segundo as tendências atuais, a França e a Alemanha estão determinadas a mudar de lugar na ordem de pico de população. A Grã-Bretanha terá de certa forma assegurada sua posição e a Itália se tornará relativamente insignificante em termos de população. Será que os 40 ou 50 milhões de alemães se sentiriam menos felizes por não pertencerem a uma tribo de 80 milhões? Individualmente, talvez não, mas como nação, certamente que sim. Uma nação bem populosa exerce um grande poder; uma menos populosa tem menos poder. Será que os 500 milhões de europeus se sentiriam infelizes por não atingirem os 800 milhões? A resposta é a mesma. Será que alguém acharia bom ou ruim para a Europa se a França ultrapasse a Alemanha em termos de população? A Itália ainda seria a Itália se tivesse apenas 20 milhões de habitantes?

Estão em jogo as mudanças na composição social da Europa. O número de europeus do sul e do leste será menor e o do oeste e do norte será maior. É possível que a migração interna reforce estas tendências. Provavelmente veremos a migração seletiva, possibilitando a saída da melhor força de trabalho das áreas mais atrasadas, deixando-as ainda mais carentes. (Um exemplo é o que acontece na Alemanha, com a mobilidade interna do leste para o oeste). As populações de imigrantes serão relativamente mais populosas e a Europa mais multicultural.

A Europa está diminuindo, ficando diferente em termos de composição nacional, regional e social, mais multicultural. Será que isto faz diferença? Será um lugar melhor ou pior para se viver? Vai depender do espectro do declínio econômico e cultural. Algumas regi-

ões da Europa sofrem com a pressão da população. Quem mora do Sudoeste da Inglaterra sabe disso muito bem. Esta área está tão apinhada de pessoas – uma das mais populosas do mundo – que não há sistema de transporte capaz de suprir as necessidades de todos. O resultado é o desgaste diário provocado pelo estresse, perda de tempo e de negócios. Os preços de moradia estão tão altos que os jovens, mesmo com bons salários, são excluídos do mercado de moradia. Conseqüentemente, surgiu uma nova forma de pobreza refinada. Jovens com bastante dinheiro para gastar, mas não o suficiente para adquirir bens e, portanto, com mais dinheiro para gastar. (Isto é o que se esconde por trás da cultura emergente de estilos de vida de solteiros e sem filhos; eles não podem se dar ao luxo de ter uma família, e estão resignados a não querer o que não podem ter). Poderíamos até pensar que seria uma benção se os números de população comessem a cair no Sudoeste da Inglaterra, mas, na realidade, seria uma praga.

A economia industrial ou pós-industrial é a sua população. A economia cresce com o crescimento da população; a estagnação da população é acompanhada da estagnação da economia, e o declínio de população é acompanhado do declínio da economia. Após 1945, a Alemanha estava em ruínas, mas em um piscar de olhos a Alemanha Oriental reestabeleceu-se como força econômica pré-iminente na Europa. Agora se reconhece que um fator de importante contribuição ao *Wirtschaftswunder* (milagre econômico) alemão foi o influxo de milhões de alemães do Leste da Europa, o que exerceu a pressão necessária para colocar a economia da Alemanha novamente de pé. O crescimento da economia japonesa acompanhou o crescimento da população. Porém, com a estagnação da população (a taxa de fecundidade do Japão é igual à média na Europa) veio a estagnação da economia japonesa. Nos Estados Unidos as fortunas econômicas do Norte e do Sul oscilaram com a migração: quando a migração se dirigia ao Norte, o Norte prosperava, quando se voltava para o Sul, o Sul prosperava. O motivo pelo qual as pessoas ficam ou se mudam para o Sudoeste da Inglaterra é sua economia cheia de vida, e é a pressão da população que faz com que ela continue assim. As economias nacionais que agora parecem dinâmicas são as que conseguem combinar taxas de fecundidade e de imigração relativamente altas, como, por exemplo, as dos Estados Unidos e da Austrália. A Europa está imobilizada em termos de baixo crescimento e nível alto de desemprego. O trem eu-

ropeu está parando na medida em que a locomotiva alemã perde o poder de puxá-lo por causa da estagnação da população, e começará a andar para trás à medida em que sua população comece a declinar. É a população que cria a demanda e a pressão na economia moderna; quando começa a perder gente, ela perde a força.

Em três séculos de progresso, a Europa produziu uma cultura riquíssima em arquitetura, arte, literatura, música, liberdade e democracia. O que acontecerá se a Europa resvalar para o declínio econômico? Haverá um excedente a ser delegado à arquitetura e à arte? Os governos serão capazes de apoiar museus, óperas, teatros e orquestras? O que acontecerá às atitudes, segurança e confiança? Será que conseguiremos financiar a liberdade? A democracia conseguirá sobreviver se houver o colapso das economias? Tudo que foi criado e que floresceu em Atenas na antiguidade desmoronou como um castelo de cartas quando a economia entregou os pontos.

Ao passarmos das conseqüências conhecidas para as possíveis, estamos pisando em território desconhecido. O declínio da população é algo que não vivenciamos há séculos. Estamos no topo de uma montanha, descendo a encosta. Em algumas décadas, isto nos levará a uma Europa bem diferente da que conhecemos hoje. Não podemos afirmar categoricamente que será mais pobre econômica e culturalmente, porém precisamos impedir que isto aconteça. Precisamos entender que a história está sendo feita, passando por um momento de mudança fundamental, que vai ao âmago do que impulsiona a sociedades e seu desenvolvimento. A nossa completa experiência é a de tendências sociais que apontam para cima; estamos numa sociedade bem diferente, quando elas começam a apontar para baixo.

O relatório do Fundo de População pinta um quadro tenebroso de subdesenvolvimento. Quase metade da população mundial vive com um orçamento inferior a 2 dólares americanos por dia, uma em quatro com menos de 1 dólar. A proporção de pessoas vivendo na pobreza está caindo, lentamente, mas os números absolutos teimam em permanecer estáveis. O que mais: *“Apesar de todas as medidas adotadas, o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A diferença na renda per capita entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres era de 30 para 1 em 1960; esta proporção subiu para 74 para 1 em 1999”*. Nos países mais pobres *“A mulheres estão representadas de forma desproporcional entre os pobres. Algumas das mulheres mais pobres estão nas famílias lideradas por mulheres. Um número cada*

vez maior é o de viúvas. A redução da 'desigualdade de gênero' em saúde e educação reduz a pobreza individual e estimula o crescimento econômico. Os efeitos são mais marcantes nos países mais pobres". Quanto às doenças:

AIDS é a maior causa de morte na África, onde 28 milhões de pessoas vivem com HIV/AIDS: quase 1,5 milhões das 40 milhões de pessoas infectadas atualmente vivem nos países em desenvolvimento. Ela está espalhando-se mais rapidamente no Leste Europeu e na Ásia Central e tornando-se ainda mais ameaçadora na Índia e na China. HIV/AIDS é um desastre demográfico, social e econômico. Uma vez que mata predominantemente os adultos mais jovens, os países mais seriamente afetados estão passando por um esvaziamento de uma geração inteira na faixa etária produtiva. Os funcionários públicos e os empregados do setor privado adoecem em número cada vez maior. Até 2020 as economias devem ser de 20-40% menores do que o esperado em função da pandemia. Os serviços de saúde já estão fora do alcance de muitos dos mais pobres. Os sistemas de educação e saúde estão entrando em colapso, com a morte de professores e trabalhadores de saúde. A pandemia não demonstra sinais de retrocesso. Alguns líderes competentes conseguiram reter a infecção em países como Senegal, Tailândia e Uganda, porém muitos dos líderes de outros níveis ainda não conseguiram encarar a pandemia. Apesar de muitas declarações de apoio, os membros da comunidade internacional ainda não ofereceram aos países pobres os recursos necessários.

O relatório aborda estas questões de forma diplomática, como se fossem universais, porém a história atual de subdesenvolvimento concentra-se especificamente na África. É muito simplista afirmar que o mundo caminha para frente e que a África está ficando para trás, mas o argumento não deixa de ter um fundo de verdade. É doloroso confrontar a questão da miséria que perdura na África sem necessidade. É de conhecimento de todos que a África precisa de ajuda. Povos e culturas ricas estão ameaçados. Poderíamos salvá-los sem gastar muito. Os líderes americanos e europeus nos últimos anos fizeram declarações corajosas quando disseram que agora é a vez da África ser o centro de suas atenções e preocupações. Por que não praticam o que pregam?

Quanto à política de desenvolvimento, o relatório repete o que já se tornou uma crença: assistência à saúde, educação e melhores oportunidades para mulheres. O desenvolvimento vem de cima para baixo, começando pelas pessoas e em investimentos nas pessoas. Por trás disso tudo permanece a questão da persistência da pobreza num mundo de riquezas sem limites. Obviamente, são muitos os motivos, mas não em função dos muitos que são considerados óbvios. Não é

que as condições externas, digamos “a exploração”, tenham condenado os pobres nos países pobres a perpetuar na pobreza. Os números da pobreza declinaram na América Latina, no mundo árabe e na Ásia e de forma abrupta no Sul da Ásia. Porém isto não teria acontecido se os países tivessem ficado presos em estruturas internacionais fora de seu controle. No Leste Europeu e na Ásia Central, o número de pessoas em pobreza extrema subiu drasticamente após 1989 (de 1 para 17 milhões). Este é o legado de falhas internas. Na África (sub-Sahariana) a pobreza continua a aumentar, em decorrência do péssimo governo. (Um governo bom também está presente na África e lá as condições também estão melhorando).

A causa também não é a superpopulação. Os economistas discordam em relação ao elo entre população e pobreza, mas o Fundo de População afirma agora que já se chegou a um consenso quanto ao assunto. O ele está na fuga da pobreza e não na sua criação. Uma proporção alta de jovens dependentes em uma população pobre atrasa o crescimento econômico e dificulta o país a alcançar o desenvolvimento. Entretanto, se fosse possível baixar as taxas de fecundidade, existiria uma oportunidade de arrancada para o crescimento econômico, desde que houvesse um governo que pudesse aproveitar esta oportunidade.

Em uma geração, a redução da fecundidade abre uma janela demográfica; um período no qual um grupo grande de pessoas em idade de trabalho está sustentando um número relativamente menor de dependentes mais jovens e mais velhos. A janela demográfica é uma oportunidade singular para que os países invistam em crescimento econômico. A janela só se abre uma vez e não por muito tempo. Em uma outra geração ela se fecha novamente, à medida que a população envelhece e a dependência aumenta uma vez mais. O aproveitamento da janela demográfica é responsável por um terço do crescimento econômico anual dos tigres do Leste da Ásia. Outros não tiveram tanto êxito. Os países mais pobres estão bem longe de abrir a janela demográfica.

O Fundo de População das Nações Unidas publica anualmente os Relatórios do Estado da População Mundial, desde 1978. Este relatório anual da ONU é um dos que se destaca por ser um exercício excepcional em educação política. Outros destaques são os Relatórios do Desenvolvimento Humano (Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas) e os Relatórios do Desenvolvimento Mundial (Banco Mundial).

O relatório de 2002 estimula a reflexão sobre o crescimento excessivo de população nas economias subdesenvolvidas e a falta deste nas economias desenvolvidas. O que pode ser feito? Não podemos ler o relatório sobre subdesenvolvimento, ou outros relatórios recente da ONU, sem insistir novamente que algo deve ser feito pela África. Digo intencionalmente *para a África*. Apesar dos laivos de superioridade, a África precisa de nossa ajuda. É o legado da vergonha do mal que a Europa fez à África que atrapalha fazer o bem agora. O envolvimento com a África será controverso, pois primeiro é preciso garantir um bom governo e mais dinheiro em um segundo momento. Os líderes europeus estão com medo do esforço e de serem acusados de intimidação. Os usurpadores africanos que desfilam como governos, usam a retórica de pós-colonialismo para proteger seu território saqueado. A postura e a diplomacia de megafone, como no impasse do Zimbábue, não são boas alternativas. A lição a ser aprendida com a tragédia deste país e de outros horrores da inanição e doença é que as mudanças requerem mais do que ajuda para o desenvolvimento. A superação do desastre depende da participação das instituições comprometidas. Na Europa, deveríamos assumir esta responsabilidade; não podemos permitir que o fantasma da vergonha do passado venha nos assombrar novamente.

Na Europa, não é inconcebível, aliás é bem provável, que o declínio da população leve ao declínio econômico. Além das mudanças sociais, convém assumir que o declínio futuro venha a acontecer amanhã se não agirmos hoje. Embora as taxas de fecundidade estejam indubitavelmente muito baixas na Europa como um todo, elas estão acima do nível de crise em alguns países europeus. O que é realidade em alguns países deve ser uma possibilidade nos outros. A Europa poderia dar um empurrão para cima nas taxas de fecundidade. Pequenas mudanças gerariam um grande efeito nas tendências da população. Primeiro precisamos reconhecer que as economias e culturas européias estão em equilíbrio. Esta é uma questão difícil; reconhecer de fato o declínio de população e em seguida transformar este reconhecimento em ação positiva européia, que defende a importância de preservar a Europa, sua cultura e valores. Portanto, precisamos uma revolução voltada para a família no estado do bem-estar social. Devemos possibilitar aos jovens os meios para que eles possam ter suas famílias. Devemos garantir às famílias maior apoio econômico e pos-

sibilitar às mulheres tornarem-se esposas, mães e trabalhadoras ao mesmo tempo. Isto inclui medidas voltadas para a família, como, por exemplo, licença maternidade prolongada e segurança no trabalho para mães, e medidas coletivas, como por exemplo, creches e jardins de infância.

Por último, precisamos nos abrir para a imigração. Embora ela possa não ser a resposta para o problema populacional da Europa, os europeus precisam aceitar o fato de que em todo o mundo as pessoas estão em movimento. O futuro pertence às sociedades com populações mistas e dinâmicas. A Europa está se permitindo envelhecer em termos de estruturas e atitudes. Pioraria ainda mais se nos fechássemos à comunidade cheia de vida do transnacionalismo. É óbvio que é uma questão de abriremos as fronteiras, o que só conseguiremos fazer se quisermos mudar e nos livrar do medo do novo, no mundo de hoje.

FIM DE INVERNO, COMEÇO DE ANO

As venezianas escondem o pôr-do-sol, um dia sem pôr-do-sol;
Nasce um outro dia, indolente
Estamos presenciando o despojamento, as homenagens,
uma Babel de sentimento cerceados
Cheiro de água salgada ou de arrependimento?
As venezianas fechadas para afastar a indiferença possível, irremediável, sublime.
Estamos coletando números, alternando, tendo trabalho,
Fazendo a diferenciação entre o sono e a letargia
O vacilo e a hesitação.
As venezianas fechadas para isolar esta pequena sala,
Um bolso vazio que pode ficar cheio
Tenho a impressão de ouvir música de violino ou de pandeiro.
O horizonte tingem-se de dourado
Com o pôr-do-sol.

Carrie Etter

(Recebido para publicação em abril de 2003)

(Aceito em junho de 2003)